

Motoristas passam pela estrada. Motociclistas fazem parte da paisagem.

Antônio Pimentel Pontes Filho¹
Roberto Biscoli²

Resumo: Este artigo trata do nosso estudo a respeito da noção nativa de rodar que os motociclistas têm para si e que é tão divulgado, internamente, pelo motociclismo, em particular pelos motos clubes e moto grupos. A esta noção de rodar se liga outra, a da liberdade do indivíduo, igualmente cara ao motociclismo, a qual abordamos na medida de sua ligação direta com a experiência dos “roles”. Apresentamos nossas considerações a respeito, a partir do trabalho feito ao longo dos últimos meses, cuja perspectiva decorre do nosso contato pessoal com integrantes de alguns motoclubes, motogrupos e motociclistas sem grupos; de conversas com mecânicos de motos; da pesquisa e contatos feitos nas mídias sociais mais utilizadas pelos motociclistas; do nosso conhecimento da cena *custom* e, em parte, da cena dos outros estilos de motocicletas; dos relatos vividos e narrados por *bikers*, motoqueiros ou motociclistas, da cena paranaense e nacional, como também da dados obtidos dos levamentos de bibliografias e outras fontes de informação, além da experiência vivida por um de nós ser motociclista há vários anos e membro de um motoclube.

Palavras-chave: Motoclubismo, Motociclismo, Motociclista, *Biker*, Antropologia urbana.

¹ Doutor em Ciências Sociais - UNISINOS, 2015. Docente do curso de Ciências Sociais e membro do Grupo de Pesquisa em Antropologia Social, da Universidade do Estadual Oeste do Paraná. apontesfilho@yahoo.com.br

² Doutor em Ciências Sociais - UNISINOS. Docente do curso de Ciências Sociais e membro do Grupo de Pesquisa em Antropologia Social, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. roberto.biscoli17@gmail.com

Drivers pass by on the road. Motorcyclists are part of the landscape.

Abstract: This study explores motorcyclists' self-perception of riding, particularly within motorcycle clubs, and its connection to the concept of individual freedom, which is central to their experience. The research draws on diverse sources including personal interactions with various motorcyclists, conversations with mechanics, social media analysis, insights from custom and other motorcycle scenes, biker narratives, and bibliographical research. One of the researchers' personal experience as a motorcyclist and motorcycle club member also informs the study.

Keywords: Motorcycle Clubs, Motorcycling, Motorcyclist, Biker, Urban Anthropology.

Introdução

Este trabalho tem como objeto apresentar e discutir a noção de rodar e seus correspondentes: andar de moto, rolê, viagem, expedição, feita por motociclistas e que é, amplamente, assunto das conversas entre eles e divulgada tanto no meio deles como também para aqueles que são de fora. Isto se deve porque é uma das noções mais importantes do motociclismo. Como dizem é “rodar ou morrer” (*ride or die*) ou “rodar para viver, viver para rodar” (*ride to live, live to ride*) ou, ainda, como a máxima que dá título a este artigo usada corriqueiramente no meio dos motociclistas.

Aqui o termo “noção” nós o usamos nas duas acepções apontadas por Abbagnano (2007, p. 713), “Dois significados fundamentais: um muito geral, em que N. é qualquer ato de operação cognitiva, e outro específico, em que é uma classe especial de atos ou operações cognitivas.”

A respeito dos motociclistas e suas viagens e rolês para nós entendermos quem são e o que fazem, devemos ter em mente a quantidade e a qualidade das diferenças que os originam e os marcam como grupo social distingível, como por exemplo:

1. O padrão econômico que lhes possibilitam o acesso a diferentes motos: de baixa, média ou alta cilindrada; suas marcas e respectivos modelos;
2. O tipo de recursos financeiros que cada um deles dispõem para a realização de suas viagens;
3. O estilo ou categoria de moto, se *custom*, *bigtrail*, *naked*, *speed*, etc;
4. O padrão social de cada indivíduo, mesmo que ao longo do tempo, esta distinção se amenize, marcado pela profissão e pela origem de bairro ou cidade;
5. O tipo de grupo a que está ligado, se motoclube, motogrupo, grupo de amigos, posto que os dois primeiros tipos de grupo são estruturados e o terceiro mais espontâneo;
6. Se a viagem é do tipo solo feita por um indivíduo; se feita por um casal; ou acompanhado de várias pessoas;
7. Se várias pessoas, distinguir se mototurismo; rolê de amigos; ou atividade de motoclube;
8. A extensão (quilometragem) e tempo do rodar, normalmente falados como curto, médio ou longo.

Os rolês ou o dar uma andada, pelo que pudemos observar no uso que fazem do termo e da expressão, o usam para algo corriqueiro na vida de cada um, mas para algo feito na própria cidade ou mesmo uma ida de passagem para uma cidade próxima, 40 ou 50 quilômetros de distância. Por exemplo, tomar café nas concessionárias, revendas de moto e oficinas, nos finais de semana.

Já na categoria das viagens estariam três tipos de trajetos diferentes:

- a) Os passeios de bate-e-volta, que começam cedo e terminam no final do dia, com mais ou menos 200 quilômetros percorridos. Daí poderem ser para uma outra cidade da região, visita a um ponto turístico ou local que julgam interessante, andar por uma serra etc., tudo feito dentro de um período de umas 10, 12 horas;
- b) As viagens mesmo, que implicam deslocamentos maiores e tempos maiores, normalmente com estadia, seja acampamento,

pousada, hotel, sede de algum motoclube irmão ou que seja parceiro;

- c) As viagens longas ou expedições se caracterizam por uma alta quilometragem para rodar a ida e volta, 5.000 quilômetros para mais, e que demandam várias semanas ou mesmo meses, podendo ser dentro ou fora do país.

Todos os percursos podem ser vistos como sendo mototurismo e muitas das vezes, realmente o são. Sair de um lugar e para outro, ter a estadia e voltar. Porém em quase todas as observações diretas ou indiretas que fizemos, estas nos mostram que rolês, andar de moto, viajar é sempre cumprir a escolha que fizeram de ser motociclistas, portanto, piloto mais moto mais estrada.

Como em outras categorias sociais, como: roqueiros, professores, idosos, para a categoria de motociclistas tais coisas impactam e estão presentes em seus modos de ser, no *ethos* dos subgrupos que compõem especificamente, tendo em vista a multiplicidade e diversidade de códigos culturais possíveis de serem acionados por cada um deles.

Desta maneira, ao olharmos os motociclistas e suas viagens, temos aspectos gerais que a todos identificam e unem, independente de quem sejam. Como também temos aspectos singulares, concomitantes ao aspecto universalista, que a própria profusão dos grupos traz, expondo as diferenças entre todos eles e a diversidade de suas experiências objetivas.

Seguindo o que pudemos ver quanto ao que eles falam de si e aquilo que realmente fazem, a diferenciação geracional não é algo tão importante dentro do motociclismo. Aquilo que lhes é mais importante continua sendo: ter uma moto e andar de moto.

Um quesito vindo de fora, é o motociclista ter carteira de habilitação, para se cumprir a lei vigente e daí os motoclubes e motogrupo a cobrarem de seus candidatos a membro, quando da entrada deles. Mas apesar disso, nós ouvimos vários relatos de pilotos que rodaram anos sem habilitação, por não a terem renovado como a lei o exige.

Claro que o recorte analítico por gerações tem relevância para alguns aspectos específicos de análise, como por exemplo: experiência como motociclista; a quantidade de quilômetros rodados que a pessoa tem; o tempo de vinculação ao grupo; se “tiozão” que aos 40, 50 anos comprou uma moto ou retornou a pilotar; o modo de pilotar e o tempo

de como fazem suas viagens. Exemplificando, passeios e viagens de pessoas mais velhas tendem a ter mais paradas e estas serem mais longas, demoradas. Também, é facilmente constatável que os pilotos/proprietários e suas garupas de motos maiores, nos estilos *custom* e *bigtrail*, é um grupo de pessoas acima dos 40 anos de idade.

É comum nas redes sociais as jocosidades a respeito de como é uma viagem para motoristas/carros e pilotos/motocicletas. Há várias delas a este respeito que, obviamente, se contadas por motociclistas os motoristas serão os bobos das brincadeiras. Entre estas há uma que, por ser um desenho, mostra bem como motociclistas percebem, divulgam e marcam suas diferenças de perspectiva de como cada um deles se movem, se comportam em uma viagem, ficando evidenciada a distinção entre os dois grupos.

Neste desenho a dupla motorista/carro se move do seu ponto de partida para o seu ponto de chegada sem desvios e sem contornos, como que em linha reta, acentuando a objetividade, a precisão, a aspereza, o minimalismo do movimento. A estrada está ali para ligar os dois pontos: de origem e de destino. Para o par carro-motorista ele está nela para a percorrer e unir ambos os locais.

Por sua vez, para o conjunto motociclista-moto entre os dois pontos, partida e chegada, a imagem expõe uma linha emaranhada, que se movimenta em todas as direções, indo e vindo por diversas vezes para todos os lados até que, como que por sorte ou falta de mais possibilidades de desvios e contornos, chega ao local destinado, ou não. Como que se eles trombassem com o local final.

A viagem ali representada, no sentido de sair de um lugar para outro, não é o mais importante, mas sim como o caminho é percorrido por eles; como a estrada é percorrida pelo motociclista. Desta forma, o itinerário está aberto a todas as possibilidades que lhe é permitida, que só a partir da sua consumação pelas escolhas feitas a cada momento do rolê: seguir em frente; permanecer na estrada; parar; pegar uma via secundária; uma estrada de chão; visitar uma cidade; parar por conta de uma paisagem nova, diferente etc., traz soluções parciais, uma vez que a cada solução alcançada abrem-se novas escolhas e decisões a serem tomadas: avançar, voltar, parar, ir para um lado, ir para o outro lado.

Obviamente, o aparente *nonsense* dos pilotos e motos, mesmo que estes quisessem continuar e continuar na estrada, encontra no choque de realidade da pane seca, por conta do tamanho diminuto dos seus tanques

de gasolina, a crueza da realidade a lhes limitar. A consequente falta de gasolina a cada 450 quilômetros, na melhor das boas vontades e, mesmo assim, para as motocicletas de maior tanque (20, 21, 22 litros) e naquelas motos mais bem acertadas mecanicamente, limita os motociclistas deles irem “ao infinito e além”, rompe com seus desejos.

Retornando a exposição de pontos de vistas diferentes e antagônicos de como percorrer um caminho, e mesmo o porquê de o percorrer e de estar na estrada, esta imagem relembra a curiosa conversa entre os personagens sr. Arthur e sr. Prosser, do Guia do Mochileiro das Galáxias (Adams, 2007), a respeito da construção de melhores estradas que liguem mais rápidos lugares do interesse das pessoas, quando este último tenta explicar sem sucesso ao primeiro a maravilha de se movimentar de forma eficiente entre locais distintos, daí sua necessidade.

Todavia, no próprio argumento do sr. Prosser, fica claro que há aquelas pessoas, dos Pontos A e B que querem esta rapidez em suas mobilidades, contudo há aquelas pessoas, do ponto C, que: “Ficam pensando como seria bom se as pessoas resolvessem de uma vez por todas onde é que elas querem ficar.” (Adams, 2007), mas também há pessoas que querem viajar, portanto ao contrário daqueles do Ponto C. Igualmente, estas pessoas querem percorrer as estradas em seu tempo e não com a pressa e objetividade daquelas pessoas do Ponto A e do Ponto B, elas querem apenas rodar.

Os desvios são vias que permitem que as pessoas se desloquem bem depressa do ponto A ao ponto B ao mesmo tempo que outras pessoas se deslocam bem depressa do ponto B ao ponto A. As pessoas que moram no ponto C, que fica entre os dois outros, muitas vezes ficam imaginando o que tem de tão interessante no ponto A para que tanta gente do ponto B queira muito ir para lá, e o que tem de tão interessante no ponto B para que tanta gente do ponto A queira muito ir para lá (Adams, 2007).

Os motociclistas, com certeza, não optam por ficarem “onde estão”, em casa, nem querem a opção de linearidade, objetividade e rapidez em seus deslocamentos. A estrada e eles, conforme suas falas, devem se unir, se fundir, serem uma só e mesma coisa, isto é a viagem, o rolê. Apesar da incompatibilidade das perspectivas apresentadas por cada

grupo de pessoas, mesmo assim, aos trancos e barrancos, estas são comunicáveis, entre as partes: pilotos, motoristas e sedentários, por serem inteligíveis e, portanto, podem ser traduzidas. Afinal todos são humanos.

A noção de andar de moto e suas variantes: rodar, role, viagem, expedição, tenta expor isto, daí se ligar à outra noção cara ao motociclismo que é a noção de liberdade apregoado pelos motociclistas.

Como um dos objetivos era verificar o quanto é vivenciada a noção de rodar que possuem, ficou evidente para nós, ao longo do trabalho, que há sim tal experiência na vida de motociclistas e seus grupos formais (motogrupo ou motoclubes) e informais (turma de amigos ou apenas indivíduos). Eles buscam vivenciar seus roles, na medida de seus arranjos de grupo e oportunidades para sua efetivação. Tentam cumprir outros de seus adágios, aquele que diz que na viagem “os pilotos e a moto fazem parte da paisagem”.

O modo por nós utilizado para o presente trabalho correspondeu ao nosso ofício de etnógrafo (Mauss, 1979), ao campo da antropologia (Lévi-Strauss, 1993), ao nosso métier de antropólogo (Oliveira, 2000) e ao nosso ofício de etnólogo (DaMatta, 1978). Daí que, feita a escolha do motocublismo como objeto de estudo, nós realizamos o levantamento bibliográfico de textos referentes ao motociclismo em geral, mas, em especial, focando à noção de andar de moto e suas variantes (rolê, viagem, expedição etc.), a qual une as viagens com o ideal de liberdade apregoado pelos motoqueiros, *bikers* ou motociclistas³. As referências bibliografias que trazemos aqui dizem respeito tanto a obras acadêmicas que os abordam, como aos trabalhos midiáticos e aos livros de motociclistas ou livros sobre motociclismo, ou seja, literatura nativa a respeito.

Além disso coletamos, analisamos com diversos sítios da internet, tais como: *YouTube*, *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Telegram*, que são locais dos principais aplicativos utilizados por nós, como também comumente pelos motociclistas. Outros aplicativos tais como *Rumble* e *Pinterest* e outros mais, também possuem materiais a respeito de motociclistas, moto clubes, do moto clubismo em geral, todavia com uma frequência e audiência menor de usuários.

Deste modo, aspectos tais como: as motocicletas; a motivação específica de um rolê; as histórias dos pilotos e de suas motocicletas; os

³ Há distinção no uso dos três termos, apesar se referirem às pessoas que andam de moto.

percursos, estradas, locais visitados; “fazer parte da paisagem” e demais experiências, foram vistos a partir da perspectiva da noção de rodar, de estar na estrada.

Como tornou-se já corriqueiro nos trabalhos de pesquisa, o acesso às mídias sociais a cada dia mais torna-se um dos melhores mecanismos de pesquisas para nós, por no mínimo dois aspectos: o da rapidez na pesquisa e obtenção da informação e o seu cruzamento entre diversas fontes; na possibilidade da interação imediata e corriqueira por meio das lives, podcasts, das conversas nos grupos e fóruns.

A respeito da interação imediata propiciada pelas mídias sociais, as quais desde sua origem a cada dia mais se tornam melhores em suas imagens, seus vídeos e seus áudios, em sua capacidade de armazenamento de memória. São mais velozes nas transmissões dos dados. Do mesmo modo: são mais abrangentes em áreas de acesso; na inclusão de mais e mais pessoas; e mais presentes em nossas vidas. Fica evidente *per se* que todo este conjunto de aperfeiçoamentos traz um contínuo que faz com que o nosso deslocamento, o nosso distanciamento e o nosso “estar lá” torne-se regular, ininterrupto e quase indistinto do “estar aqui”, do ir e voltar. É como se o trabalho de campo de algo extraordinário ficasse como ordinário.

O aspecto, talvez o único ainda, rígido do nosso trabalho de pesquisa vem da necessária submissão desse ao cronograma de conclusão e entrega, sacramentado por estar especificado em nossos projetos de pesquisa, forçando o rompimento do fluxo sucessivo das interações - a obtenção de informações sucessivas que vamos experimentando sem o perceber quando estamos acessando nossas mídias sociais, como o fazemos rotineiramente na atualidade.

Todavia, apesar dos possíveis percalços do uso das mídias sociais por nós, realizemos reiteradas vezes pesquisa nas diversas e diferentes plataformas, acerca de rolês e viagens realizadas e outros dados a este respeito.

Reiterando, como já mencionado em outra oportunidade (Pontes Filho, 2002) trazemos um pouco daquilo ali exposto, portanto, assumindo o risco de sermos enfadonhos.

A seguir indicamos algumas das mídias sociais, em diferentes plataformas, seguidos por nós, desde antes do início deste nosso trabalho de pesquisa.

Aquilo que em comum a todos estes canais é falarem de motocicletas, motoqueiros, motociclismo, portanto, de rolês, andar de moto, rodar, viajar, produtos e serviços relacionados. Seja no passado, como recordação, memória; no presente, como o que têm feito; ou no futuro, como planejamento e idealização das novas aventuras que querem viver.

Procuramos aqui separá-los por uma classificação que melhor indicassem o que eles informam, bem como o que em cada um procuramos como nosso objeto de trabalho. Desta forma, vários destes canais podem ser classificados em outras das categorias daquelas que fizemos, ou mesmo de outras maneiras por outros interessados no tema. Como é dito, cada cabeça uma sentença, podemos operar apenas classificando entre ovelhas brancas e pretas ou esmiuçando seus pedigreees (Geertz, 1981).

Por exemplo, abaixo, o canal do Filipec classificado como de aventura, realmente tem isto como mote, todavia poderia ser listado junto com os de mecânica, pois ele é mecânico de *Harley*. Então, foram eles:

- a) De viagem, passeio, aventura, mototurismo: Fazedores de Chuva MC, *Road Garage/Filipec*, Canal Mileduque, Amotorismo/Fabricio Conrado, Diário de Motociclista /Guga Dias, Rodrigo Bonfante Igo, *Los Condes Kustom*, Viajando na Garupa, Moto Atacama, Teiga Adventure, Motoqueiro Cabeludo, canais dos HOG, *Carpedien*, Casal na Pista, Gárgulas MC, Projeto Tempestas.

Os Fazedores de Chuva são um dos grupos que mais incentivam aos outros motociclistas a fazerem viagem e, portanto, estarem na estrada. Eles propõem desafios de percursos a serem cumpridos por qualquer que quiser, do tipo conhecer todas as cidades de um estado. Aqueles que aceitam desafio devem registrar os momentos para, ao término do desafio, receberem títulos tais como “Valente Fazedor de Chuva” com o nome do estado percorrido, “Rodoviário Fazedor de Chuva nome da BR”, etc.

O Gárgulas MC propõe e realiza como último desafio para o fechamento do colete de seus membros uma viagem, *Apache*, que é uma viagem de média a longa para algumas sedes do motoclube e ou de amigos do grupo. A viagem é guiada por um membro efetivo do Gárgulas MCe por um ou mais meio coletes. Ao término, no retorno da viagem,

aqueles que a fizeram, fecharão seus coletes e passando à condição de membros efetivos⁴.

O *Road Garage/Filipec* que é um dos mais antigos da internet e famoso pelas suas viagens e expedições, também é um *blog*. Como já mencionou várias vezes seu autor, Filipec, todas as mídias sociais hoje do *Road Garage* são em decorrência do *blog*. Ele e o público que tinha lá, foram juntos para as demais mídias, conforme ele as foi criando. O *blog* já não é mais tão ativo, como os demais canais.

As famosas expedições do Filipec com, por exemplo, as duas feitas para e nos EUA, podem ser assistidas no canal dele no *Youtube*.

Do mesmo modo, outra expedição famosa, esta pelo Brasil e alguns países vizinhos, foi a realizada pelos amigos realizadores do Projeto Tempestas, é possível de assistir no canal deles.

- b) Canais no estilo autoral, *blog* ou motovlog como: *Wolfmann*, Canal JB Motovlog/Jeff Biancolini, Escape na Cidade/Gus Durazzo, KLE621FULL/Kleber Atalla, Motovlog Abriu o Farol/carlosgonzalez1974/Carlos Gonzalez, Roberty R7, Moto Bruta, Domingos Bruxo, Duzão Motovlog, trocando o Óleo, *Bikers Sem Fronteiras/Cabelo Sanchez*.

Nestes encontramos relatos mais do cotidiano de seus autores, sendo assim, mais dos pequenos roles que fazem. Em alguns há as viagens que fizeram.

O canal do *Wolfmann* é um dos mais antigos *blogs* sobre motociclismo ainda na ativa. Não migrou como outros canais para as outras mídias sociais. Como diz na sua apresentação “Um lugar para tratar de motos, em especial *Harley Davidson*, e assuntos relacionados.”

- c) Sobre a história do motociclismo no Brasil e em geral: *WeBastardos*, *The Riders*, Max Quevedo/Yndio Estradeiro, Menos Bar Mais Br, Wagão Sinistro, Canal Motorama.
- d) De mecânica: Edgar Soares Motocicletas, *Gumps Garage*, Garagem Metallica, Madeira Performace, China IBMM, Raulzito RR Cycles, Pavilhão Oficina & Performance, *Garazas*

⁴ Um exemplo desta viagem de cunho de um ritual de passagem (Gennep, 2011) pode ser assistida no episódio de *The Riders* (2021), feita pelo Max Quevedo/Yndio Estradeiro.

257, Dotz Alley Garage, Fábio El Camino, Garagem Rabugentus, Milwaukee Garage.

- e) Esporte e Eventos: *Lucky Friends Rodeo Motorcycle, Flat Track Brasil, Lutimm Tripaseca, Rota 61 DF, Gumps Drag Race e Race Valley.*

São canais que tratam de esportes como a modalidade de corrida *flat track* e as arrancadas de motos no *Racey Valley*.

- f) Variedades: Moto Play/Amanda Pagliari, Motorama, Canal Momento Moto, *Machina Helmets and Parts, Urban Helmet, Dika by Drika Biker, Borges Mr. Davidson.*
- g) Pilotagem: *Brasilriders, Cones Brothers, CFB Pilotagem, Motorrad Experience, Harley Gabi, Curso Bigtrail Floripa.*

Estes canais de *Youtube* e *Instagram* são para pilotagem de *bigtrails* e de motos *custom*. Há, também, canais que se dedicam a outros estilos como pilotagem de corrida, de *trail*. Há canais de auto-escolas que ensinam pilotagem de motos, mas muito mais focados em ensinar sobre o exame para habilitação do Detran.

Os três primeiros canais listados têm como público e alvo os motociclistas de motos *custom*. Neles são ensinadas as técnicas de pilotagem do estilo da polícia americana das manobras em baixa velocidade, uma vez que as motocicletas de grande cilindrada (acima das 600cc) ultrapassam fácil os 250 quilos e são grandes com mais de dois metros de cumprimento. Estas manobras, por exemplo, ajudam muito os pilotos andarem no trânsito pesado dos grandes centros urbanos, bem como, nas cidades históricas e ou do interior com o calçamento das ruas em pedra, *paver* ou cascalho, ou seja, pisos irregulares e escorregadios.

Obviamente, aqui é uma pequena amostra, entre centenas de outros que seguimos, de mídias de motociclismo nas diversas redes. Existem vários outros, os quais não citamos aqui.

Cabe ressaltar que tal como fizemos com estas categorias acima, poderíamos procurar na internet utilizando outros termos de busca para encontrarmos outras categorias também válidas e pertinentes ao nosso objeto como, por exemplo, os termos: moto aventura, passeio de moto, customização, pintura, cultura *custom*, cultura *biker*, equipamentos e peças para viagens, assistência técnica, dicas de viagem, entre outros.

Estes canais ou contas, citados por nós, e outros tantos se valem de multiplicar e repercutir suas mídias sociais, isto é, todas essas gentes ligadas ao motociclismo hoje trabalham com textos curtos e alguns longos, vídeos longos e curtos, e em todas as plataformas eles se remetem, se autorreferenciam, ou seja, eles maximizam o uso específico que fazem de cada uma delas, focando no público que curte um determinado estilo de plataforma e os liga às outras plataformas e canais que eles possuem.

Esta maneira de trabalhar na internet vem sendo potencializada pelas empresas do setor. Assim vemos hoje que todos os canais acima hoje no *Youtube*, com seus vídeos longos, mas também os *shorts*. No *Instagram* as fotos e pequenos textos e os *reels*. Nas contas do *Facebook* imagens e textos, e agora o *Stories* e *Messenger*.

Nossa percepção é de que o *Instagram* e o *Youtube*, são onde mais estas pessoas estão presentes, pois é onde mais podem mostrar suas andanças, esportes, encontros e eventos, já que dá uma maior intensidade a comunicação por vídeos. Lembrando que, cada uma de suas mídias chama, indica, atrai e reforça as demais, numa ação sinergética de comunicação.

Normalmente, para nós os curiosos sobre o modo de vida de outras pessoas e grupos, para pesquisarmos basta usarmos estes mesmos nomes da lista acima, nos buscadores da internet para que os encontremos em suas diversas mídias sociais.

Por diversas vezes ao longo do tempo da nossa pesquisa, encontramos canções servindo de fundo musical dos materiais postados, curtos ou longos, por motociclistas e motoclubes; nas propagandas feitas por empresas com produtos voltados ao motociclismo e moto clubes. Igualmente, essas músicas executadas em sedes de alguns motoclubes, nos eventos destes, e nos *shows* dos diversos eventos de motos etc. Elas apontam, além da própria questão do motociclismo, para a união forte entre de dois grupos sociais que são a do motociclismo e a do *rock* com os seus estilos de vida próprios, contudo muito similares e complementares um ao outro.

Outras bandas e outras músicas poderiam ser por nós trazidas aqui e, facilmente, podem ser ouvidas nas mídias ligadas ao motociclismo. Entretanto, chamamos a atenção para o fato das três bandas e suas canções por nós selecionadas serem das mais expressivas ou clássicas dentro desse universo de *rock* e motos.

Steppenwolf (criada em 1967), *Creedence* (criada em 1967) e *Lynyrd* (criada em 1964) são bandas americanas, do mesmo período histórico, ou seja, de meados dos anos 60 do século passado, período correspondente ao boom da contracultura e da consolidação dos estilos de vida alternativa.

Como tantas outras bandas de *rock*, as músicas destas três, apesar dos anos passados não estão datadas, e até hoje são cantadas nos eventos de motociclismo; em bares onde essas gentes frequentam; nas sedes de motoclubes; além de servirem de trilhas sonoras para suas mídias sociais. As músicas são reconhecidas pelos motociclistas, tal qual pelos roqueiros, como clássicos do estilo. Igualmente, as suas letras, como poderá ser lido, trazem muito da daquilo que é falado no meio, particularmente do meio das motos *custom*, sobre *vibe* e sobre *lifestyle*.

Em todas elas estão expressas as noções caras aos motociclistas: estrada/viagem e liberdade. Como é expresso em algumas das máximas do meio: “é na estrada que se escreve a história”, “rodar ou morrer”.

- Nascido para ser selvagem – *Steppenwolf*.

Ligue seu motor / Pegue a estrada / Em busca da aventura / Qualquer uma que venha em nossa direção / Sim querida, vamos fazer isso acontecer / Pegue o mundo num abraço carinhoso / Dispare todas as suas armas ao mesmo tempo / E exploda espaço afora / Eu gosto de fumaça e relâmpago / O estrondo do metal / Correr com o vento / E o sentimento que isso provoca / Sim querida, vamos fazer isso acontecer / Pegue o mundo num abraço carinhoso / Dispare todas as suas armas ao mesmo tempo / E exploda espaço afora / Como um verdadeiro filho da natureza / Nós nascemos, nascemos para ser selvagens / Podemos escalar tão alto / Eu nunca quero morrer / Nascido para ser selvagem / Nascido para ser selvagem⁵ (Vagalume, 2023).

⁵ Born to Be Wild – Steppenwolf.

Get your motor running / Head out on the Highway / Lookin' for adventure / In whatever comes our way / Yeah, darlin', gonna make it happen / Take the world in a love embrace / Fire all of your guns at once and / Explode into space / like smoke and lightning / Heavy metal Thunder / Racin' with the wind / And the feeling that I'm under / Yeah, darlin', gonna make it happen / Take the world in a love embrace / Fire all of your guns at once and / Explode into space / Like a true nature's child / We were born, born to be wild / We can climb so high / I never wanna die / Born to be wild / Born to be wild

• Pássaro Livre - *Lynyrd Skynyrd*.

Se eu partisse amanhã / Você ainda se lembraria de mim? / Pois eu devo seguir viagem agora / Porque há muitos lugares que preciso ver / Mas se eu ficasse aqui com você, garota / As coisas simplesmente não seriam as mesmas / Porque agora sou tão livre quanto um pássaro / E este pássaro você não pode mudar⁶ (Letras de Música, 2023).

• Enquanto Eu Puder Ver a Luz – *Creedence Clear Water Revival*.

Coloque uma vela na janela / Pois eu sinto que devo ir / Apesar de estar indo embora / Eu voltarei logo para casa / Enquanto eu puder ver a luz / Arrume minha mochila e vamos andando / Pois estou destinado a vagar por um tempo / Quando eu tiver partido, você não terá que se preocupar por muito tempo / Enquanto eu puder ver a luz / Acho que tenho aquele velho espírito aventureiro / Pois este sentimento não me deixa em paz / Mas eu não vou perder meu caminho, não / Enquanto eu puder ver a luz / Sim! Sim! Sim! Oh, sim! / Coloque uma vela na janela / Pois eu sinto que devo ir / Apesar de estar indo embora / Eu voltarei logo para casa / Enquanto eu puder ver a luz / Enquanto eu puder ver a luz / Enquanto eu puder ver a luz / Enquanto eu puder ver a luz⁷ (Letras de Música, 2023).

⁶ Free Bird - Lynyrd Skynyrd.

If I leave here tomorrow / Would you still remember me? / For I must be traveling on now / 'Cause there's too many places I've got to see / But if I stay here with you, girl / Things just couldn't be the same / 'Cause I'm as free as a bird now / And this bird you cannot change / Lord knows, I can't change / Bye, bye, baby, it's been a sweet love, yeah, yeah / Though this feeling I can't change / But please don't take it so badly / 'Cause Lord knows I'm to blame / But if I stay here with you, girl / Things just couldn't be the same / 'Cause I'm as free as a bird now / And this bird you'll never change / Oh, oh / And the bird you cannot change / And this bird you cannot change / Lord knows, I can't change / Lord help me, I can't change / Lord, I can't change / Won't you fly high, free bird? Yeah.

⁷ Long As I Can See The Light - Creedence Clearwater Revival.

Put a candle in the window, / 'Cause I feel I've got to move. / Though I'm going, going, / I'll be coming home soon, / Long as I can see the light. / Pack my bag and let's get moving, / 'Cause I'm bound to drift a while. / When I'm gone, gone, you don't have to worry long, / Long as I can see the light. / Guess I've got that old trav'lin' bone, / 'Cause this feeling won't leave me alone. / But I won't, won't be losing my way, no, no / 'Long as I can see the light. / Yeah! Yeah! Yeah! Oh, Yeah! / Put a candle in the window, / 'Cause I feel I've got to move. / Though I'm going, going, / I'll be coming home soon, /

Optamos por trazer aqui as letras com suas traduções do inglês, de dois sites de letras de música, dado que ambos são há anos amplamente utilizados por músicos e roqueiros. Antes de anexar as traduções nos valemos de confrontar as traduções feitas de cada uma delas nos dois sites, bem como com a tradução de alguns outros sites de música, bem como num aplicativo tradutor. Nossa escolha se deveu que tais sites possuem acervos de letras nacionais e estrangeiras (alguns com as cifras para os instrumentos), ou seja, é do *métier* deles fazerem estas traduções.

A união do motociclismo e do *rock*, incluído aqui todas as vertentes e ramificações do *rock* e adicionando *country*, *pop*, *rhythm and blues*, *soul*, *blues*, pode ser ainda exemplificada por artistas e músicas tais como:

- Elvis Presley, *Roustabout*;
- Johnny Cash, *Ghost Riders In The Sky*, ou a *cover* por *The Blues Brothers*;
- *Motörhead*, *Iron Horse Lyrics*;
- *Twisted Sister*, *Ride To Live, Live To Ride*;
- Lou Reed, *Bottoming Out*.

Também encontramos esta ligação entre ambos os estilos de vida por meio de alguns dos hinos de motoclubes brasileiros, por exemplo⁸: Zapata MC, Balaios MC, Carcarás MC, Abutres MC, Insanos MC, Sinistros MC, Bastardos Inglórios MC. Musicalmente ficam no *rock* e as letras das canções remetem ao motoclube em si e a noções gerais do motociclismo como rodar, ao estar nas estradas, à fraternidade, à liberdade.

Nem todo motoclube e motogrupo tem seu hino próprio, porém tem outros elementos que comunicam sua identidade e ligação ao motociclismo, do mesmo modo que o fazem os motociclistas que não possuem filiação aos grupos organizados.

As canções dos hinos, como é próprio ao que objetivam os hinos, tem o papel de exaltar o pertencimento ao motoclube, à uma fraternidade específica de motociclistas, de marcar a identidade de seus membros, do mesmo modo que o fazem as conversas formais nas reuniões dos

Long as I can see the light. / Long as I can see the light. / Long as I can see the light. /
Long as I can see the light. / Long as I can see the light.

⁸ Há outros estilos musicais como hino, por exemplo, o hino dos Bodes do Asfalto MC.

motoclubes, as conversas informais onde vão se narrando as histórias e mitos de fundação, o uso dos brasões em adesivos, coletes e pintados nas fachadas das sedes.

Então, as músicas acima do *Creedence*, *Lynyrd* e *Stepenwolf*, tantas outras mais, os hinos dos grupos, as conversas e símbolos usados dentro do meio do motociclismo se somam para dar a cada motociclista uma linguagem comum como diz Duranti (2000, p. 447- 448):

Adquirir un lenguaje significa formar parte de una comunidad de personas que participan en actividades comunes a través del uso, si bien nunca completo, de una gran variedad de recursos comunicativos compartidos. En este sentido, adquirir un lenguaje significa formar parte de una tradición, compartir una historia y, por tanto, tener acceso a una memoria colectiva, repleta de historias, alusiones, opiniones, recetas, y otras cosas que nos hacen humanos. No adquirir un lenguaje, o tener únicamente un conjunto muy limitado de sus recursos, significa verse privado de ese acceso.

Há também toda série de publicações acadêmicas e não acadêmicas, bem extensas, nacional e estrangeiras, que compõem uma literatura a respeito do motociclismo em geral e sobre viagens e estar nas estradas de moto particular. Igualmente, há toda uma filmografia sobre ambos os temas, facilmente encontrável pesquisando-se na rede. Incluindo resenhas e artigos de cinéfilos e interessados no motociclismo.

Aqui apenas apontarei para tais obras, a começar pelo livro clássico de Robert Pirsig (1984), dito como sendo uma obra no estilo de uma epopeia vivida por um pai e seu filho em uma grande jornada.

Há toda uma literatura produzida por motociclistas, nacionais e estrangeiros, falando sobre suas viagens, histórias de vida e suas intermináveis viagens. Autores brasileiros como: Sacilotti Junior (2002), Almeida (2004), Sampaio (2010), Dias (2010), Lopes (2011), Barreto (2012), Santos (2016), Teiga Júnior (2017), Mcnunan (2021).

Obras acadêmicas como as de Pacheco (2013), Chiarelli (2015), Cruz (2018), Duarte (2019) abordam diferentes aspectos pesquisados pelos autores a respeito do motociclismo, tais como: escolha de uma marca de moto; a cultura *custom*; mototurismo, viagens, aventuras.

Ao perguntar se a noção de viagem, a centralidade do estar na estrada, ainda é relevante para o motociclismo, que passa pelos modismos de todos os tipos: estéticos, éticos e tecnológicos, a resposta é afirmativa. Vários são os grupos e indivíduos que fazem do rodar seu estilo de vida, no qual pilotar uma moto é viver a liberdade. A estrada ainda é o lugar antropológico daqueles vivem com motos. Como diz Augé (2012, p. 51):

Reservamos o termo "lugar antropológico" àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. É porque toda antropologia é antropologia da antropologia dos outros, além disso, que o lugar, o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa. O lugar antropológico tem escala variável.

Motociclistas, em sua maioria, ao contarem suas histórias sobre motos, viagens, motociclismo, sempre destacam o encantamento de estarem sobre suas motos rodando em viagens para lá e para cá, pegando sol, chuva (há aqueles que não viajam tanto assim), com e sem perrengues etc. Só eles e a estrada ou só eles e as ruas, como errantes, vadios, observadores, *flâneurs*. Como diz Featherstone (2000, p. 188 e 189):

O *flâneur*, portanto, não é apenas aquele que perambula pela cidade, algo a ser estudado. A *flânerie* é um método de leitura de textos, para ler os sinais e pistas da cidade. É também um método de escrita, de produzir e construir textos.

O *flâneur* um tipo importante, porque aponta para a posição central da locomoção na vida social: ele é constantemente invadido por ondas de experiências novas e desenvolve novas percepções enquanto cruza paisagem urbana e as multidões.

Provavelmente, o melhor que nós poderíamos fazer para conhecer mais sobre a noção de rodar, de viajar, bem como sugerir para todos aqueles interessados no tema aqui trabalhado, seria fazer tal qual Michel Leiris (1934, p. 53) nos fala:

Cansado da sua vida em Paris, considerando a viagem como uma aventura poética, um método de conhecimento concreto, uma provação, uma maneira simbólica de frear o envelhecimento e de negar o tempo ao percorrer o espaço, o autor, interessado em etnografia devido ao valor atribuído por ele a esta ciência na elucidação das relações humanas, integra-se a uma expedição científica pela África.

Bons ventos!

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA, Luiz . **Histórias de motocicleta viagens causos e passeios**. Fortaleza: Premius, 2004.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodemidade. Campinas: Papirus, 2012.
- ADAMS, Douglas. **O Guia Do Mochileiro Das Galáxias**. São Paulo: Editora Arqueiro, 2007.
- BARRETO, Ricardo Miessa. **Diário de bordo: motocicleta**. São Paulo: Nelpa, 2012.
- CHIARELLI, Cliverson. **A diferença é a alma A subcultura do consumo Harley-Davidson e uma comparação do significado da marca em diferentes culturas de consumo**. Dissertação. Biguaçu: UNIVALI, 2015.
- CRUZ, Gabriele M. da. **Turismo e estilo de vida de motociclistas: análise do evento PARANAGUÁ MOTOS sob a perspectiva dos participantes**. Monografia. Matinhos: UFPR-Setor Litoral/TGT 2018.

DAMATTA, Roberto A. O ofício de etnólogo ou como ter *anthropological blues*. In **Boletim do Museu Nacional**, n. 27, maio 1978. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1978.

DIAS, Guga. **TaqueoPariu** - O outro lado das viagens de moto. Edição do autor. Livro em PDF, 2010.

DUARTE, Priscila da Silva. **O processo de identificação dos membros de tribos urbanas: o caso do grupo de motociclismo da Harley-Davidson**. TESE. São Paulo: Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo 2019.

DURANTI, Alessandro. **Antropología lingüística**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000.

FEATHERSTONE, Mike. O flâneur, a cidade e a vida pública virtual. In Antônio A. Arantes, **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. São Paulo: LTC, 1981.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**. Estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações etc. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEIRIS, Michel. **A África fantasma**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LETRAS MÚSICAS. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/lynryd-skynyrd/23828/traducao.html>. Acesso em: 25 de jan. 2025.

LETRAS MÚSICAS. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/creedence-clearwater-revival/83569/traducao.html>. Acesso em: 25 jan. 2025.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LOPES, Renato. **De motocicleta pelas carreteras da América do Sul**. Edição do autor, 2011.

MCNUNAN, Augusto. **Moto clubes, aquilo que escolhemos é o que nos define**. São Paulo: Editora Anjo, 2021.

MAUSS, Marcel. **Marcel Mauss**, antropologia. São Paulo: Ática, 1979.

OLIVEIRA, Roberto C. de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PACHECO Izabela B. **O desejo de viajar no estilo de vida Harley Davidson:** um estudo sobre o *chapter HOG – The One*. Monografia. Irati: UNICENTRO/SCSA-DT, 2013.

PAES, Cicero dos Santos. **Saindo novamente do lugar comum.** Motociclismo: relatos de viagens. Paradesign. 2006.

PIRSIG, Robert. **Zen e a arte da manutenção de motocicletas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PONTES FILHO, Antônio P.; LIMA, Simone C. de. A história se escreve na estrada. Notas de duas pesquisas em andamento a respeito de motociclismo, motocicletas e motociclistas. **Tempo da Ciência**, [S. l.], v. 29, n. 57, p. 87–96, 2022.

SACILOTTI JUNIOR, Gilberto Franco. **Com minha filha pelas Trilhas dos Sertões.** Papel & Virtual, 2002.

SAMPAIO, Alexandre. **Na estrada em duas rodas: viagens de motocicleta pela América do Sul.** Edição do autor, 2010

SANTOS, Paulo M. Coelho. **Motociclismo:** um giro pela América. Florianópolis: EDUSFC, 2016

TEIGA JÚNIOR, José de Jesus. **Motociclismo:** planejamento e execução em viagens de aventura. Edição do autor, 2017.

THE RIDERS. **Gárgulas MC a tradição estradeira APACHE 2021.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MKWPFy3LXKA>. Acesso em: 30 de jan. 2025.

VAGALUME. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/steppenwolf/born-to-be-wild-traducao.html>. Acesso em: 30 de abril 2025.